

MÁRIO DE ANDRADE ENTRA EM CENA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i36p172-186>

Maria Augusta Fonseca

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a trajetória intelectual e artística de Mário de Andrade, tendo por base alguns de seus mais relevantes estudiosos, buscando situar o escritor no período que antecede a Semana de Arte Moderna, entre 1917 e 1921. É no final desse período que Mário escreve a obra inaugural do movimento, *Pauliceia desvairada*.

ABSTRACT

This article explores the intellectual and artistic route followed by Mário de Andrade based on some of his most important critic readers observing the period between 1917-1921. It is in the end of this period that Mário de Andrade wrote Pauliceia desvairada a major work that precedes the Brazilian Modern Art Week of 1922.

PALAVRAS-CHAVE:

Mário de Andrade;
Antecedentes da Semana de
Arte Moderna;
Pauliceia desvairada

KEYWORDS

*Mário de Andrade;
predecessor of the Brazilian
Modern Art Week;
Pauliceia desvairada.*

Tradicionalizar o Brasil consistirá em viver-lhe a realidade atual com a nossa sensibilidade tal como é e não como a gente quer que ela seja, e referindo a esse presente nossos costumes, língua, nosso destino e também nosso passado." Mario de Andrade. "Entrevista", 1925.

Antecedentes de um Movimento

Muitos anos se passaram desde 1958 quando saiu a primeira edição de *História do Modernismo Brasileiro. I-Antecedentes da Semana de Arte Moderna*¹ de Mário da Silva Brito, historiador da literatura, jornalista, editor, escritor, poeta, crítico. Leitura indispensável para estudiosos do movimento modernista brasileiro, esse trabalho pioneiro de Silva Brito deve sua importância a diversos fatores, entre os quais se destacam: registro de documentos raros, selecionados de jornais e revistas, pesquisados em fonte primária; reflexão crítica conceitual, envolvendo problemas de natureza estética; articulação de temas voltados para a compreensão do país, abrangendo história, política, relações econômicas, sociais e culturais, literatura e outras artes. Seu texto dialeticamente argumentativo se consolida no tratamento dado à linguagem expressiva, versátil e substancial. O livro é resultado de aproximados dez anos de dedicação, compreendendo pesquisas em arquivos particulares e em bibliotecas públicas, em jornais e revistas, às quais se soma um relevante

¹ BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 (segunda edição revista). A primeira edição data de 1958 (São Paulo: Edição Saraiva).

aparato de entrevistas, realizadas com ex-integrantes da fase áurea do movimento modernista, quase todos vivos no curso dos anos de 1940 e 1950, período em que o crítico historiador se dedicou a esse audacioso projeto. De acordo com Brito, a pesquisa de fonte primária foi fator determinante na realização do trabalho. Isso foi enfatizado e exemplificado pelo crítico, numa entrevista, em 2002:² “Pesquisa impõe infinita paciência, além de atenção concentrada e vigilante. Não admite que o pesquisador se deixe seduzir por assuntos laterais que nada tenham a ver com o objetivo principal. Foi assim que tentei trabalhar. Drummond ajudou-me quando dele precisei. Telefonei e disse que estava fazendo a história do Modernismo. Naquele momento eu estava revisando alguns capítulos que tinham saído na revista *Anhembi* e precisava entrevistá-lo.”³ E mais nos explica Silva Brito ao ser indagado sobre o processo de elaboração da obra em foco: “Creio não haver boa historiografia que não está fundamentada em válida documentação comprovadora. Indispensável também honestidade ao pesquisador. Há os que sempre buscam provar uma tese e, se encontram documentos que não a confirmem, cuidam de escamoteá-los. Há obras de nossa ensaística em que ocorre essa desfaçatez.”⁴ Nesse entender seguia a lição de Mário de Andrade que, em 1942, ao discutir e rememorar caminhos do movimento modernista, sintetizou o legado desse movimento em ‘três princípios fundamentais’, a saber: “O direito permanente à pesquisa estética. A atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional.”⁵

² “Entrevista” de Mário da Silva Brito concedida a Maria Augusta Fonseca e Telê Ancona LOPEZ, no Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 2002. Publicada em D.O. *Leitura – Publicação cultural da Imprensa Oficial do Estado – São Paulo*, ano 20, número 11. Novembro de 2002, pp. 14-26.

³ BRITO, Mário da Silva. *Ob. cit.*, p. 22.

⁴ Idem. *Ob. cit.*, p. 21.

⁵ ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 242.

Em seu livro sobre antecedentes do modernismo brasileiro, Brito deu amplo destaque a Oswald de Andrade e a Mário de Andrade. Essas duas estrelas de primeira grandeza de nossa literatura desempenharam papéis fundamentais no período embrionário do nosso modernismo, cujo marco será a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922. Um texto de Oswald de Andrade, “O Modernismo”, publicado em 1954 (ano de sua morte) na revista *Anhembi*, selou em definitivo o papel desempenhado por Mário de Andrade no processo transformador de nossas artes: “Posso afirmar e já afirmo que sem a presença catalítica de Mário de Andrade o Modernismo teria sido, pelo menos, retardado.”⁶ De sua parte, Mário de Andrade reconheceu em Oswald “a figura mais característica e dinâmica do movimento.”⁷ De acordo com o registro de Silva Brito, os dois escritores travaram amizade em 1917. No capítulo 5 da obra em pauta, Brito informa que “O encontro dos Andrades” se concretizou por causa de uma breve saudação de Mário a Elói Chaves (Secretário de Justiça do Estado de São Paulo) no *Conservatório Dramático e Musical de São Paulo*. Contexto e circunstâncias (a guerra em curso e o Brasil em campanha de participação) são observados pelo autor, ao reportar que na ocasião o jornalista Oswald de Andrade chegou a se engalfinhar com um colega na disputa do texto lido pelo jovem professor Mário de Andrade. Reproduzindo alguns trechos da saudação, datada de novembro de 1917, o crítico considera que a fala “é cheia de juvenil entusiasmo, e reflete o espírito aliadófilo nacional, emocionalmente exacerbado pelo afundamento recente de navios brasileiros pelos alemães.”⁸ Juízos à parte, o fato é que o discurso conseguido por Oswald foi publicado no dia seguinte, no *Jornal do*

⁶ ANDRADE, Oswald de. “O Modernismo” in *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1990, p. 122.

⁷ ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 237.

⁸ Idem, in BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro. I-Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964, pp. 73-74.

Comércio. Aquele encontro dará início a uma amizade estreita, que durou até 1928.

No ano em que os Andrades se aproximaram, a pintora Anita Malfatti realizou em São Paulo sua “Exposição de Arte Moderna” (dez.1917- jan.1918), fruto de seus estudos recentes na Alemanha e nos Estados Unidos. A exposição causou tumultos e escândalos no acanhado meio citadino depois de uma crítica desabonadora, assinada pelo talentoso jornalista e escritor Monteiro Lobato. Em razão disso a exposição de Anita acabou dando visibilidade a certas tendências de movimentos da vanguarda europeia (expressionismo e cubismo) tanto quanto escancarava o espírito estreito e repressor do meio local provinciano. Pelo arrojo das obras e pelo embate que disso resultou, Mário da Silva Brito definiu aquele evento como “O estopim do Modernismo”. Na ocasião, a artista foi defendida por Oswald de Andrade em artigo de jornal e, pouco depois, passou a integrar o pequeno grupo já formado por intelectuais como Oswald, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, jovens decididos a arejar ideias, estudar, debater e explorar novos caminhos no campo das artes e da literatura. Assim devoravam com avidez todos os informes e obras, a que tinham acesso, sobre as vanguardas estéticas que moviam aquele conturbado início do século XX. Na Pauliceia, os termos “futurismo” e “futurista” passavam a circular. Usado em sentido amplo, o novo epíteto agradava alguns intelectuais do grupo, por contemplar certa perspectiva dianteira, de avanço, soando positivamente como elogio. Afinal, os integrantes daquele grupo de rebeldes já eram vistos na cidade como excêntricos ou então desvairados. Mas, embora o grupo conhecesse os manifestos (1909 e 1912) de Felippo T. Marinetti, não havia estreitamento de vínculo com os propósitos neles expostos. Afinal, versos livres e palavras em liberdade eram também reivindicados por outras tendências. Fora daquele reduto intelectual, porém, o termo se

naturalizou como um aviltante xingamento. Por esse tempo, fins de 1920 e começo de 1921, Mário de Andrade apresentou aos amigos os poemas recém-escritos de *Pauliceia desvairada*. De imediato, Oswald de Andrade se encantou com o vigor e a novidade estética no trato da obra e divulgou esse entusiasmo numa página do *Jornal do Comércio*, assinando o artigo “O meu poeta futurista”. Em sua avaliação, Oswald sublinhava a força inovadora dos poemas e a complexidade de questões que o artista revolveia naqueles versos potentes. O artigo foi reproduzido por Silva Brito, na íntegra, em *Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, fonte de onde se extrai aqui a passagem em que Oswald apresenta o poeta: “Ele é o autor de um supremo livro neste momento literário. Chamou-o *Pauliceia desvairada* – cinquenta páginas talvez da mais rica, da mais inédita, da mais bela poesia citadina. Querem ouvir?”⁹ Na sequência, depois de dar como exemplo o poema “Tu”, o crítico prossegue: “Acharam estranho o ritmo, nova a forma, arrojada a forma? Graças a Deus! Podemos dizer que não só a França tem os seus Paul Fort, os seus Claudel, os seus Vildrac, e a Itália rejuvenescida o seu miraculoso Govoni. Nós também temos os nossos gloriosos fixantes da expressão renovadora de caminhos e de êxtases.”¹⁰ O artigo desgostou o artista elogiado. A réplica Mário de Andrade veio logo. Foi também publicada no *Jornal do Comércio* (Edição de São Paulo, 6.6.1921) sob o título de “Futurista?!¹¹ Houve depois uma longa tréplica de Oswald, rendendo ao assunto muita polêmica, conforme discutido por Brito no capítulo 13, “A divulgação da nova estética”. A questão não parou por aí, como podem atestar palavras do poeta em outro escrito (parte VI de

⁹ ANDRADE, Oswald de. “O meu poeta futurista” in Brito, Mário da Silva, *ob. cit.*, p. 29. **Observação:** A diversidade dos poemas de *Pauliceia desvairada* foi estudada em obras de referência como as de Telê Ancona Lopez, João Luiz Lafetá, Victor Knoll, Marcos Antonio de Moraes, por exemplo. Recentemente os poemas ganharam outras leituras em *Lirismo+Crítica+Arte=Poesia* (Um século de *Pauliceia desvairada*). Orgs.: Maria Augusta Fonseca e Raul Antelo. São Paulo: Edições SESC-SP, 2022.

¹⁰ Idem. *Ob. cit.*, p. 230.

¹¹ Texto também transcrito, na íntegra, por Brito. *Ob. cit.*, pp. 234-238.

“Mestres do passado”) e, também, no “Prefácio interessantíssimo”, para ficar nesses exemplos. Assim, na esteira da exposição de Anita, no campo das artes plásticas, *Pauliceia desvairada* representará o “estopim” do nosso modernismo na esfera literária. Nela Mário de Andrade rasga novos caminhos para nossa arte poética, plasmando em seu canto novo múltiplas representações de seu país, crivado de contradições, passando da língua de expressão artística às manifestações culturais e sociais. Essa manifestação poética, inaugural de um novo tempo, como alardeado por Oswald de Andrade, foi por ele retomada, anos mais tarde, para justificar e reafirmar propósitos: “Chamei Mário de Andrade de ‘O meu poeta futurista’ porque na desordem regional de seus versos vinha esse ‘algo nuevo’ que já era velho na Europa, mas que por aqui somente assim podia exprimir uma coeva independência. [...]”¹²

Mobilidades de Mário de 17 a 22

No mesmo ano em que se deu “o encontro dos Andrades”, 1917, saiu o livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, assinado por Mário Sobral (pseudônimo usado pelo futuro autor de *Pauliceia desvairada*). A obra firmada em padrões poéticos tradicionais versava sobre temas da guerra (ainda em curso). Nessa obra de Mário a crítica e pesquisadora Telê Ancona Lopez detectou influências artísticas de Jules Romains, Whitman, Verhaeren, Victor Hugo, como se lê em *Mário de Andrade – Ramais e Caminho*, outro seu livro-chave para a compreensão do escritor e de sua produção artística. Os referidos poetas serão depois evocados no “Prefácio interessantíssimo” de *Pauliceia desvairada*. Desse longo estudo, de fundamental importância para se conhecer o escritor na sua complexidade, recorta-se a seguinte observação: “A obra, trazendo realmente uma gota de

¹² ANDRADE, Oswald de. “Gênese da Semana de Arte Moderna” in *Hoje – O mundo em letra de forma*, ano VII, no. 75, abril, 1944, p. 13.

sangue como ilustração, apresentava uma curiosa concepção: o poeta era o pacifista que procurava entender o mundo e a humanidade, como uma espécie de socialista utópico. Essa posição desperta o interesse para as primeiras influências sofridas por Mário de Andrade e para as tendências literárias que vicejaram no Brasil e no mundo durante as duas primeiras décadas do século XX.”¹³

A partir de 1917, o respeitado professor do *Conservatório Dramático e Musical de São Paulo* segue diversificando atividades, colaborando como crítico na imprensa escrita. Em 1918 publica o texto “A divina preguiça”, tema que alguns mais tarde irá reverberar em *Macunaíma*, em *O turista aprendiz* e em muitos de seus poemas. No artigo de 1918, divulgado em *A Gazeta*, Mário de Andrade estabelece distinções conceituais em relação ao uso do termo preguiça, atentando para “modulações de sentido” em diferentes épocas e religiões. Assim, se para o cristianismo a “preguiça” era considerada um pecado, para os pagãos, argumenta, “o preguiçoso é como o Títero de Virgílio que, derreado à sombra das balseiras, olhava as suas vacas pascerem longe, tangendo na avena ruda; [...]”¹⁴ E, adiante, ampliando o campo exploratório, acrescenta: “Para os nossos indígenas, as almas libertadas do invólucro da carne, iriam também repousar lá do outro lado dos Andes, num ócio gigantesco. É a mesma concepção do Eldorado, de Poe, existente além do vale da Sombra, que inspirou Baudelaire, Antonio Nobre e o nosso Alberto, nos alexandrinos lapidares de ‘Longe... mais longe ainda!’”¹⁵

Conhecedor de teoria musical, de filologia, de literatura, leitor atento das produções estéticas da vanguarda europeia, estudioso da língua e da

¹³ LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade – Ramais e Caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, p. 23.

¹⁴ ANDRADE, Mário de. “A divina preguiça”. Texto reproduzido em *Brasil: 1º. Tempo modernista – 1917/29. Documentação*. Org. Marta Rossetti Batista, Telê Ancona Lopez. Yone Soares de Lima. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiro – USP. s/d, p. 183.

¹⁵ Idem. *Ob. cit.*, 183.

cultura nacional, Mário de Andrade logo foi reconhecido como um mestre naquele grupo de intelectuais e artistas que passou a frequentar em 1917. Na imprensa, porém, a participação do escritor tem “início em 1915 quando ocasionalmente publicava críticas de música em *A Gazeta*”, como mencionado por Telê Ancona Lopez, que assim prossegue nas suas informações e análises: “Em 1918, tenta o artigo de fundo, discorrendo sobre a preguiça, sobre a ideia de pátria, sobre a guerra. Esses escritos, obra imatura, são a rigor artigos, marcados aliás pela retórica da persuasão bem tradicional. Em 1921, polemizando com Helios (Menotti del Picchia) ou em 1922 analisando para o grande público os mestres do passado, já é um articulista mais arrojado, mais livre em seu estilo. Suas crônicas, contudo, só aparecem em 1920, 1921, na *Ilustração Brasileira*, onde sua seção “De São Paulo” veicula sem dúvida a informação, mas bastante enredada na criação. São crônicas que primam pelo exercício da poeticidade, estando estreitamente ligadas à temática e à própria imagética de *Pauliceia desvairada*: os contrastes da cidade grande, o traje de losangos ‘arlequinal’, a costureirinha, o vento-navalha.”¹⁶

Sobre os escritos de Mário, voltados para a literatura local, cabe destacar o que veiculou em 1921, quando os novos propósitos artísticos agitavam com intensidade o grupo preparador da Semana. Trata-se de uma série de artigos, divulgados no *Jornal do Comércio* (Edição de São Paulo), sob o título de “Mestres do passado”, textos em que revisita nossos autores parnasianos. No livro *Antecedentes da Semana de Arte Moderna*, Mário da Silva Brito deu especial atenção a esses escritos, transcrevendo fielmente todos os seis estudos, seguindo a publicação na imprensa: I. “Glorificação”; II. “Francisca Júlia”; III. “Raimundo Correia”; IV. “Alberto de Oliveira”; V. “Olavo Bilac”; VI. “Vicente de Carvalho”; VII. “Prelúdio,

¹⁶ LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade. Ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidade/SCCT, 1976.

coral e fuga”. Esse conjunto de reflexões marcava um divisor de águas, na medida em que, para Mário de Andrade, aqueles “mestres do passado” se contrapunham aos exercícios de experimentação e atualização poética que o escritor recém exibira em *Pauliceia desvairada*. É o que expõe em ‘Prelúdio’, parte do último artigo (1.9.1921) de “Mestres do passado”, distinguindo aqueles que buscavam mudanças nas artes (como seus pares) daqueles parnasianos por ele criticados. É de se notar, porém, que na sua expressão o articulista não conseguiu evitar certos artifícios da eloquência retórica, também alvo de sua crítica. Afinal, pretendia marcar diferenças: “Nós, os novos de hoje, Dragões do Centenário, tombamos de nossa paz para os guararapes da guerra. E não nos curvamos diante de vós, porque diante de vós somos como homens diante de homens. E homens superiores, mais belos, mais terríveis porque não mentimos, porque somos sinceros, porque não temos preconceitos literários, porque sabemos amar a juventude estonteada, a meninice inerme, os janeiros e as auroras.”¹⁷

Variações sobre *Pauliceia desvairada*

Elaborada entre 1920 e 21, e desde então circulando entre amigos, essa obra foi fruto de “trabalho penoso e lento”, como Mário de Andrade asseverou em nota ao texto da conferência “O Movimento modernista” (1942)¹⁸, aludindo aos múltiplos entraves e às depurações necessárias no processo de criação. Iniciada por uma dedicatória *blagueur*, do Mestre Mário ao discípulo Mário, *Pauliceia desvairada* contempla ainda na sua abertura o “Prefácio interessantíssimo”, longa e diversificada exposição de propósitos poéticos, provocadores, sugestivos, contraditórios, ousados, inovadores, em que busca iluminar intrincados caminhos do presente. Ao

¹⁷ ANDRADE, Mário de. “Mestres do passado” in Brito, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 307. Segunda edição revista.

¹⁸ ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 234.

destacar o papel heroico daqueles que lutavam contra cerceamentos e aprisionamentos formais no campo artístico, Mário de Andrade conclui seu prefácio com uma citação de Gorch Fock, que a seu ver poderia substituir suas explanações: ‘Toda canção de liberdade vem do cárcere’.

É no primeiro verso do poema de abertura de *Pauliceia desvairada*, “Inspiração”, que o sujeito poético introduz o tema que percorrerá a obra. E o faz de modo exclamativo, dando destaque à cidade de São Paulo, num brado emotivo, definido na sequência por uma espichada confissão de sentimentos:

“São Paulo! comoção de minha vida...”

Esse *topos* que move os poemas será representado em múltiplas e complexas facetas, para compor a ambígua feição “arlequinal” da cidade. Os vinte e dois poemas de *Pauliceia desvairada* culminam num longo e versátil ‘oratório profano’, “As enfibraturas do Ipiranga”. Projetando dramaticamente vozes da cidade, representadas por escritores, burgueses, operários, e outros mais, suas partes foram assim distribuídas: ‘Os Orientalismos Convencionais’, ‘As Senectudes Tremulinas’, ‘Os Sandapilários Indiferentes’, ‘As Juvenilidades Auriverdes’, ‘Minha Loucura’. Essa variada mistura de vozes, áspera, convulsa e contraditória põe em foco um estranho referente linguístico, “Ipiranga” (Rio Vermelho) como transliterado na língua geral, topônimo que designa um espaço significativo da cidade, historicamente determinado, por estar associado ao ato público de Proclamação da Independência do Brasil 1822). Parte integrante de *Pauliceia desvairada*, o poema “As enfibraturas do Ipiranga” já estava pronto antes mesmo dos “brados retumbantes” que ocorrerão em fevereiro de 1922, no interior do Teatro Municipal.¹⁹ De acordo com Mário

¹⁹ A propósito desse poema, leia-se o ensaio “As enfibraturas do Ipiranga” de José Miguel Wisnik in *Lirismo+Crítica+Arte=Poesia* (Um século de *Pauliceia desvairada*). São Paulo: SECSOP, 2022, pp. 412-425. (Orgs. Maria Augusta Fonseca e Raul Antelo). Esse livro coletivo contém análises interpretativas de todos os poemas da obra elaboradas por vinte e dois ensaístas.

de Andrade, os vinte e dois poemas que compõem a obra foram selecionados de um vasto repertório, escrito sob forte impulso emotivo, como relatou na conferência “O movimento modernista”, proferida em 1942: “Entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, brigas, em pouco mais de uma semana estava jogado no papel um canto bárbaro, duas vezes maior talvez do que isso que o trabalho de arte deu num livro.”²⁰

Sobre a obra e a divulgação dos poemas, antes mesmo de sua publicação, valem palavras de Rubens Borba de Moraes, integrante do grupo modernista, crítico, amigo, depois companheiro do artista na revista de *Klaxon*, como exposto em seu livro de memórias: “Quando começou a escrever *Pauliceia desvairada* e a recitar-nos os poemas, é que me dei conta que não tinha mais na minha frente um autor à procura de si, mas um grande poeta que tinha encontrado seu verdadeiro meio de expressão. Todo o pequeno grupo (Oswaldo, Guilherme, Menotti, Sérgio, Di Cavalcanti, Luís Aranha e eu) realizou o que essa poesia representava: a revolução na literatura brasileira que desejávamos com o entusiasmo de rapazes que não duvidam de nada.”²¹ Outro relato, como o de Fernando Góes, registra a presença de Mário no Rio de Janeiro, em 1921, dando notícia da leitura dos poemas para companheiros como Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Graça Aranha, Afonso Arinos de Melo Franco, Ribeiro Couto e outros mais.²²

Sobre a importância dessa obra, ponta de lança de nosso modernismo, o crítico João Luiz Lafetá assim argumentou em *Figuração da intimidade. Imagens na poesia de Mário de Andrade*: “É da vivência de suas ruas e multidões – vivência do *choc* de que fala Benjamin – que nascem os poemas novos de *Pauliceia desvairada*, lirismo complexo de um ambiente

²⁰ Idem. *Ob. cit.*, p. 234.

²¹ Borba de Moraes, Rubens. “Mário de Andrade” in *Testemunha ocular (recordações)*. (Org. e notas de Antonio Agenor Briquet de Lemos). Brasília: Briquet de Lemos, 2011, p. 128.

²² GÓES, Fernando. “História da ‘Pauliceia desvairada’” in *Revista Arquivo Municipal* 198, São Paulo: Departamento do Patrimônio histórico, 1990, p. 97.

hostil do qual o poeta tenta extrair a cara, desenhando-a a golpes de sons chocantes, hipérboles, metáforas duvidosas, identificações muito rápidas, naufrágios, alucinações. Há uma dissonância na forma desses textos que nasce (ao menos em parte) da própria matéria que os constitui: ‘Minha alma corcunda como a avenida São João...’²³ Em outra importante leitura, “Arlequim e a modernidade”, sobre ser *Pauliceia desvairada* uma obra de vanguarda, Telê Ancona Lopez acata argumentos de Ferreira Gullar, quando ele “afirma que a definição de vanguarda em um país subdesenvolvido deverá surgir de exame das características sociais e culturais próprias a esse país, levando em conta arte como expressão da particularidade, determinada e concreta no mundo. Pensando assim, torna-se realmente uma proposta vanguardista a arlequinidade de Mário de Andrade que faz de *Pauliceia desvairada*, em 1922, a primeira obra realmente moderna, na medida em que já aparece como “reflexão crítica”, na distinção entre modernismo e modernidade, feita por Henri Lefèbvre.”²⁴ As observações levam a distinções estabelecidas por Antonio Candido, com respeito à dinâmica de nosso modernismo. Para o crítico, o que tornou singular o movimento modernista local foi o reencontro da influência europeia pelo “mergulho no detalhe brasileiro.”²⁵ Por esse fio condutor retoma-se um veredito de Mário de Andrade, para quem, “de todas as tentativas de modernização artísticas do mundo, talvez a que achou melhor solução para si mesma foi a brasileira.”²⁶ A reflexão de Mário implica em muitos problemas e questionamentos relativos a nossa cultura, ao processo social, ao fazer literário. Daí, na avaliação do movimento e dos

²³ LAFETÁ, João Luiz. “Pequena introdução às máscaras” in *Figuração da intimidade – Imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 17.

²⁴ LOPEZ, Telê Ancona. “Arlequim e modernidade” in *Marioandradiando*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 17.

²⁵ CANDIDO, Antonio. “Literatura e Cultura – de 1900 a 1945” in *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1979, p. 121.

²⁶ ANDRADE, Mário de. “Assim falou o papa do modernismo” in *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 17.

propósitos nele envolvidos, considerar na sua abrangência e complexidade a particularidade loca: “Todo o segredo de nossa revolta estava em dar uma realidade eficiente e um valor humano para nossa construção. Isso estamos descobrindo. Ora, o maior problema atual do Brasil consiste no acomodamento de nossa sensibilidade nacional com a realidade brasileira, realidade que não é só feita de ambiente físico e dos enxertos de civilização que grelam nele, porém comportando também a nossa função histórica para conosco e social para com a humanidade.”²⁷

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. “A divina preguiça”. Texto reproduzido em *Brasil: 1º. Tempo modernista – 1917/29. Documentação*. Org. Marta Rossetti Batista, Telê Ancona Lopez. Yone Soares de Lima. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiro – USP. s/d, p. 183.

Andrade, Mário de. “Mestres do passado” in Brito, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro. I. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, p. 307. Segunda edição revista.

ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974

ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” in *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, p. 234.

ANDRADE, Oswald de. “O meu poeta futurista” in Brito, Mário da Silva, *ob. cit.*, p. 29.

ANDRADE, Oswald de. “O Modernismo” in *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1990, p. 122

BORBA DE MORAES, Rubens. “Mário de Andrade” in *Testemunha ocular (recordações)*. (Org. e notas de Antonio Agenor Briquet de Lemos). Brasília: Briquet de Lemos, 2011, p. 128.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro. I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964 (segunda edição revista). A primeira edição data de 1958 (São Paulo: Edição Saraiva)

²⁷ Idem. *Ob. cit.*, p.18.

CANDIDO, Antonio. "Literatura e Cultura – de 1900 a 1945" in *Literatura e Sociedade – estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1979, p. 121.

GÓES, Fernando. "'História da 'Pauliceia desvairada'" in *Revista Arquivo Municipal* 198, São Paulo: Departamento do Patrimônio histórico, 1990, p. 97.

LAFETÁ, João Luiz. "Pequena introdução às máscaras" in *Figuração da intimidade – Imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 17.

Leitura – Publicação cultural da Imprensa Oficial do Estado – São Paulo, ano 20, número 11. Novembro de 2002, pp. 14-26.

LOPEZ, Telê Ancona. "Arlequim e modernidade" in *Marioandradiando*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 17.

LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade – Ramais e Caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, p. 23.

LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade. Ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidade/SCCT, 1976.

Maria Augusta Fonseca. Prof. Sênior Livre-Docente da USP. Livros: *Palhaço da burguesia – Serafim Ponte Grande e o universo do circo* (1979); *Oswald de Andrade – Biografia*. (1990) (2008); *Por que ler Mário de Andrade* (2013). Ensaaios: "A carta pras icamiabas". (1988); "Tai: é e não é. *Cancioneiro Pau Brasil*. (2003-2004); "Fósforo aceso: um poema minúsculo, um poeta sagaz" (2021). Participa de *Oswald de Andrade Obra incompleta* (org. Jorge Schwartz), (EDUSP, 2021-2, 2 vols.): 1. *Edições críticas de Memórias sentimentais de João Miramar* e de *Serafim Ponte Grande*. 2. Ensaaios sobre as duas obras. Participa de *Modernismos 1922-2022*. (org. Gênese de Andrade) (Comp. das Letras, 2022). Ensaísta e org.: *Lirismo+Crítica+Arte=Poesia (Um século de Pauliceia desvairada)* (SESC, SP, 2022).